

COTIDIANOS CYBERES DO MASCULINISMO: PEDAGOGIAS IMAGÉTICAS DO MOVIMENTO *MANOSPHERE*

MARCOS AURÉLIO DO CARMO ALVARENGA; SABINA VALLARINO SEBASTI;
MÁRCIO RODRIGO VALE CAETANO

¹Faculdade de Educação/UFPEL – marcosaurelioca.8@gmail.com

²Universidad de República de Uruguay – sabinasebasti@gmail.com

³ Faculdade de Educação/UFPEL – mrvcaetano@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Mesmo após a derrota no último pleito eleitoral presidencial, o Brasil continua a enfrentar inúmeras tentativas de ataques contínuos à democracia, aos direitos sociais e às pautas de gênero proferidos por segmentos políticos profundamente atrelados aos ideários da Extrema Direita. Organizados em níveis (inter)nacionais, o avanço da Extrema Direita nos campos político-culturais destaca cenários complexos em conjunturas marcadas por fissuras a institucionalidade democrática.

A incidência da Extrema Direita busca instituir cenários de proibições que proliferam discursos moralizantes que visam destruir conquistas democráticas de segmentos historicamente alijados da cidadania (CAETANO.; SILVA JR, 2020). Nessa direção, os imaginários coletivos que são acionados com/pelos discursos ideológicos desses grupos despertam paixões capazes de mobilizar narrativas e ações, a exemplo daquelas lideradas pelo ex-Presidente Donald Trump, nos Estados Unidos; o Primeiro Ministro Viktor Mihály Orbán, na Hungria, e o ex-Presidente Jair Bolsonaro, no Brasil. Este cenário é marcado por uma disseminação rápida e massiva de narrativas reacionárias fortemente atrelado as narrativas masculinistas. Essas "verdades" fabricadas são construídas em torno de projetos de Brasil que promovem uma visão autoritária, distorcendo fatos e manipulando informações para atender a interesses específicos.

Segundo Silva, Ferrari e Caetano (2002) em diálogo com Brown (2006), o masculinismo emerge enquanto movimento e mobilização social em meados dos anos 1990, nos países do norte global. Marcado pela preocupação em alterar o cenário social, os movimentos masculinistas se posicionam antagonicamente as forças influenciadas pelas agendas feministas na política, na ampliação do direito das mulheres, nas conquistas por direitos das populações lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexuais e outras dissidências sexuais (LGBTI+) e, sobretudo, ao protagonismo das esposas no âmbito doméstico. Em outras palavras, a centralidade da agenda masculinista está no fortalecimento das estruturas patriarcais, evocando o tradicionalismo como princípio fundador de seus movimentos.

Em decorrência desses ataques, os direitos sociais, conquistados ao longo de décadas de luta, estão sob constante ameaça no Brasil contemporâneo. As pautas de gênero, por sua vez, enfrentam uma ofensiva coordenada por grupos conservadores que buscam reverter avanços importantes na igualdade de gênero e nos direitos e políticas sociais. As políticas públicas que promovem a igualdade de gênero são atacadas sob o pretexto de defender valores tradicionais e a família, mas na prática servem para perpetuar desigualdades e discriminação.

Este trabalho, em curso, tem como um de seus objetivos centrais a discussão e localização do transnacional *manosphere* a partir das chamadas guerras culturais online no Brasil a partir das páginas encontradas nas redes sociais

Twitter e Reddit. Para tanto, nos valem da articulação das ferramentas das pesquisas dos cotidianos com a netnografia. Em outras palavras, buscamos nas observações cotidianas e sistematizadas das páginas públicas do movimento *manosphere* os modos e enunciações nas masculinidades, a produção do “outro” e suas estratégias de mobilização social.

2. METODOLOGIA

Ao problematizar a dimensão visual das imagens veiculadas nas redes sociais *Twitter* e *Reddit*, que apresentam um recrudescimento de narrativas masculinistas, refletimos, à luz dos Estudos das Pedagogias Culturais Visuais, sobre os usos políticos, éticos e estéticos na construção dessas narrativas. Ao entendermos que um dos elementos centrais de análise dos Estudos da Cultura Visual é a experiência cotidiana, trabalhar essa perspectiva é entender que as imagens cumprem função de mediar formas de poder, na manutenção de autoritarismo e produção de discursos reacionários.

Mais do que simplesmente transformar a imagem em um complemento ao campo empírico. Elas produzem pedagogias imagéticas (TIBALLI, 2010) que ensinam e valorizam determinada masculinidade. Essas narrativas contribuem para a perpetuação das desigualdades diante do fortalecimento das forças neoconservadoras e neoliberais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A vigilância eletrônica, mediante o uso de tecnologia, aumentara a capacidade autoritária de narrativas fortemente atravessadas pelos princípios neofascistas da Extrema Direita. Essas narrativas são impulsionadas pelo bolsonarismo que utilizam as redes de sociabilidades online para veicular narrativas reacionárias, que promovem um consumo político carregado de sentidos e significados que buscam restringir direitos de cidadania e instituir um populismo, resultando em crises de representatividade e confiança nas instituições de Estado (MAIA, et al, 2022).

Nesse cenário, as redes sociais têm um papel central na disseminação de narrativas autoritárias. Esses meios de comunicação permitem uma difusão rápida e ampla de informações, muitas vezes sem a devida checagem de fatos, o que facilita a propagação de *fake news*. As redes sociais criam bolhas informacionais, onde os usuários são expostos apenas a conteúdos que reforçam suas crenças pré-existentes, alimentando um ciclo de polarização e radicalização (BRUZZONE, 2021).

Os usos das redes sociais, ao invés de promoverem a democratização da informação, acabam servindo como ferramentas para a manipulação e o controle social. Ao analisarmos os usos que são feitos desses artifícios culturais, podemos apreender a diferença entre a produção idealizada e a produção dos usos das redes sociais. A ênfase dada é, portanto, na prática e na diferença que ela institui na performatividades de um discurso imagético que proliferam “manuais” das masculinidades. Essas 'maneiras de fazer', especificamente as mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do *espaçotempo* virtual organizado pelas técnicas de produção pedagógicas, disseminam verdades que buscam intervir nas agendas político-culturais.

As pautas de gênero e os direitos sociais são frequentemente os alvos principais das narrativas reacionárias. O bolsonarismo tem atacado sistematicamente os avanços conquistados pelos movimentos feministas e dissidências sexuais e de gênero, utilizando uma retórica que mistura moralismo,

conservadorismo e desinformação. Essa ofensiva não é apenas discursiva, mas também se manifesta em políticas públicas que visam restringir direitos e retroceder conquistas históricas e alocar essas populações na posição do “outro” que merece ser combatida em nome do tradicionalismo.

Os escritos de Certeau (2019) auxilia a reflexão sobre o movimento de institucionalidade do “outro”, categoria central do masculinismo presente nos movimentos *manosphere*, como inimigo que assume diferentes configurações e que necessidade o combate. Ele:

é o que tem outros valores, opiniões, hábitos e saberes. É aquele ou aquilo que emerge com as crises do crível e engendra alternativas nascentes, que não se possui nem se controla. O Outro é o que escapa. É o imprevisível, o inesperado, o excluído, o imigrante, o marginalizado, o estrangeiro, o que nos antecedeu e, ainda, o que virá depois de nós. É mistério e surpresa. É uma alteridade radical, uma diferença para o que precisamos nos abrir para inventar o novo (FERRAÇO; SOARES; ALVES, 2017, p. 13-14).

O movimento *manosphere*, conforme descreve Ging (2017, p. 2-3, tradução livre), as expressões *man* (homem) e *sphere* (esfera) na língua inglesa emergiu inicialmente em 2009 para “descrever uma rede online de comunidades de interesses dos homens, sendo popularizada mais tarde por Ian Ironwood”. Atualmente, esse coletivo se vale, com frequência, da violência de gênero e racial. Dentro desse contexto, a *manosphere* – uma subcultura online que inclui fóruns e comunidades dedicadas a questões masculinas, muitas vezes com uma perspectiva antifeminista – encontrou terreno fértil.

A *manosphere* brasileira, influenciada por movimentos similares nos Estados Unidos e na Europa, utiliza a internet para promover ideias sobre masculinidade tradicional, frequentemente se posicionando contra o feminismo e os direitos das mulheres. A estratégia de comunicação desses grupos se baseia na construção de inimigos internos e externos, na simplificação de problemas complexos e na promessa de soluções rápidas e eficazes (BRUZZONE, 2021). Essas comunidades vêem em figuras como Bolsonaro um defensor de seus valores e preocupações.

A promoção da masculinidade tradicional serve como um poderoso elemento de mobilização política. Homens que se sentiam marginalizados ou desvalorizados pelas narrativas contemporâneas de igualdade e inclusão encontraram no bolsonarismo, expressão do movimento no Brasil, uma voz que articula ansiedades e frustrações. Essa mobilização não se deu apenas em termos de apoio eleitoral, mas também na participação ativa em campanhas nas redes sociais, em manifestações públicas e na disseminação de ideologias conservadoras.

A política de direita no Brasil, particularmente a partir da década de 2010, tem sido caracterizada por uma agenda neoconservadora que mobiliza milhões nos contextos *cyber* e disseminam o bolsonarismo como uma ruptura com as políticas de esquerda de promoção a cidadania LGBTI+, por exemplo, implementadas no país. A retórica *manosphere* enfatiza a ordem, a segurança e os valores tradicionais enquanto promove junto aos neoliberais as reformas econômicas orientadas para o mercado (FERRAÇO; SOARES; ALVES, 2017)

Mais do que apenas uma manifestação da política de direita, o bolsonarismo presente na *manosphere* tornou-se um movimento social *cyber* que abrange uma ampla gama de questões, desde a rejeição ao politicamente correto

até a crítica severa ao estabelecimento político e midiático da democracia. A figura de Bolsonaro e seus discursos em torno da masculinidade, com seu estilo agressivo, galvanizou um segmento significativo da população brasileira que se sente ameaçada pela crescente cidadania e participação política de mulheres, negros, indígenas, LGBTI+, entre outras minorias políticas.

O movimento *manosphere* frequentemente utiliza a retórica que exaltava a virilidade, a força e a autoridade masculina, desdenhando do politicamente correto e ridicularizando figuras públicas que promovem a igualdade de gênero. Esse discurso não apenas se encontra com a agenda bolsonarista, mas também mobiliza homens que se sentem fragilizados. O tradicionalismo e a manutenção de valores e práticas disseminadas nas redes sociais virtuais tornam-se alguns dos motes que posicionam os gêneros enquanto categoria que descrevem homens e mulheres enquanto seres assimétricos e complementares. Para restaurar a ordem defendida pelo movimento *manosphere*, seria essencial a manutenção das morais tradicionalistas regidas pela família cisheteropatriarcal. Chegamos, com isso, ao debate central desta pesquisa em curso: o movimento *manosphere*, a exemplo de outras organizações de direita masculinista, à racionalidade governante da extrema direita: o androcentrismo e submissão feminina.

Financiamento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo:** a ascensão da política antidemocrática no Ocidente. São Paulo: Politeia, 2019.

BRUZZONE, Andrés. **CIBERPOPULISMO:** Políticas e democracia no mundo digital. Editora Contexto, São Paulo, 2021.

CAETANO, M.; SILVA JUNIOR, P. M. da. “REGRAS SÃO REGRAS, MESMO QUANDO ELAS NÃO EXISTEM”: pânico moral e multiculturalismo em práticas docentes. **Revista Espaço do Currículo**, [S. l.], v. 13, n. Especial, p. 834–848, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1983-1579.2020v13nEspecial.54709. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/54709>. Acesso em: 2 ago. 2024.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1.Artes de fazer. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

GING, Debbie. Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere. *Men and Masculinities*, 2017. p. 1-20.

MAIA, Lídia Raquel Herculano et al. Populismo digital e autenticidade fabricada na campanha de Jair Bolsonaro no Instagram. **Liinc em Revista**, v. 18, n. 2, p. e6055-e6055, 2022.

SILVA, J.; FERRARI, A.; CAETANO, M. Masculinismo, neoconservadorismo e pedagogias culturais: investimentos em tradições, essencializações e naturalizações. **Currículo sem Fronteiras**, v. 22, e2189, 2022

TIBALLI, E. F. A. A Pedagogia da Imagem em Processos Educativos. **Revista Educativa - Revista de Educação**, Goiânia, Brasil, v. 13, n. 2, p. 337–349, 2011. DOI: 10.18224/educ.v13i2.1422. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/1422>. Acesso em: 2 ago. 2024.

VILAÇA, G.; D'ANDRÉA, C. Da *manosphere* à *machosfera*: Práticas (sub) culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021.